

APRESENTAÇÃO (à guisa de Editorial)

Este número do Boletim Paulista de Geografia é consequência de convite formulado por Manoel F.G. Seabra no início da gestão 1984/1986 da Diretoria Executiva da Seção São Paulo da AGB, da qual ambos participamos. O convite, por sua vez, foi resposta a uma observação que eu fizera a respeito da ausência de textos sobre Geografia Física nos volumes mais recentes do BPG.

Assumida a responsabilidade, solicitei a colaboração de colegas, alunos e ex-alunos de pós-graduação do Departamento de Geografia da USP. Meu universo de análise pode, talvez, ser considerado demasiado restrito; contudo, era o que oferecia menores riscos na hora de escolher temas e autores. Nessa ordem, já que optei por apresentar, nesta publicação dedicada à abordagem geográfica da Natureza, trabalhos relativos a técnicas de pesquisa e a temas que atualmente atraem a atenção dos pesquisadores, sem esquecer da reflexão voltada para questões de ordem metodológica. A escolha dos autores foi, portanto, consequência e não causa das opções feitas.

Dessa forma, são apresentados em primeiro lugar os trabalhos de O.N. FERNANDES BARROS e de E.M. NOVO, que propõem e discutem, respectivamente, a aplicação de procedimentos adequados a escalas diversas de análise dos fatos de superfície que são objetos de pesquisa de pedólogos e geomorfólogos. Atente-se para a coincidência entre a observação de NOVO a respeito da subutilização do sensoramento remoto como técnica de coleta e análise no Brasil, e a constatação de QUEIROZ NETO relativa ao número de trabalhos com esse tema apresentados na 1ª Conferência Internacional de Geomorfologia, realizada no ano passado.

A seguir, o texto de J.B. CONTI focaliza um tema de grande interesse, não só para a Geografia Física mas também para outras ciências do Homem e da Natureza, a desertificação. Objeto de discussões e controvérsias, pouco conhecidas em suas causas e temidas por suas consequências, as épocas de extrema aridez do Quaternário nas regiões tropicais foram correlacionadas (principalmente na África) com os períodos interglaciais do Hemisfério Norte até recentemente. Todavia, segundo FAIRBRIDGE (1964, 1976), essa teoria não é totalmente correta: no Sudão, dunas fósseis estendem-se até o mar, sobre a plataforma continental, evidenciando coincidência entre uma fase de extrema aridez e o nível do mar eustaticamente baixo, portanto com uma fase glacial. O autor citado concorda com a contribuição do homem e seus animais no processo de desertificação, mas não os considera causadores da mesma, e sugere que os esforços mundiais

para evitar a catástrofe desencadeada pela aridez deveriam concentrar-se nos trópicos, onde se localizam alguns dos ambientes naturais mais frágeis do globo. O trabalho de CONTI mostra que, até o momento, pouco tem-se avançado nesse sentido, tanto no exterior quanto no Brasil.

J.P. de QUEIROZ NETO participa deste número com relato pormenorizado de sua participação na Primeira Conferência Internacional de Geomorfologia, organizada pelo British Geomorphological Research Group em Manchester (Inglaterra) em 1985. Certos trechos, como *Temas e Tendências* e *Aspectos Científicos*, merecem atenção especial, em particular quanto ao tratamento da evolução das paisagens em regiões tropicais, as pesquisas metodológicas e os trabalhos interdisciplinares. Quanto às questões teóricas e ao futuro da Geomorfologia tal como abordados na conferência, os leitores deverão tirar suas próprias conclusões.

Encerra a seqüência o artigo de A. A. de ABREU, que discute as bases conceituais das classificações geomorfológicas utilizadas no Brasil. Questão fundamental, já que "...a sistematização dos fenômenos que interessam ao objeto de estudo de uma ciência revela a teoria e a filosofia que servem de suporte para suas observações..." (grifo do autor). Pode-se discordar das idéias ou interpretações do autor, mas não podem ser desconhecidas a relevância do tema e a qualidade do tratamento. Apenas valeria a pena lembrar que TRICART (1968) toca de passagem no problema ao discutir a organização da legenda das cartas geomorfológicas, e que CHATELIN (1978) apresentou contribuição importante ao tema no campo da Pedologia.

Confio em que este será o primeiro de uma seqüência de volumes do BPG a apresentar trabalhos voltados ao tratamento de questões de Geografia Física. Para tanto, novas contribuições são necessárias e, desde já, esperadas.

Finalmente, meus agradecimentos aos autores que responderam ao convite, e a Manoel Seabra pela confiança demonstrada.
São Paulo, março de 1986.

Lylian Coltrinari
organizadora

REFERÊNCIAS

- CHATELIN, Y.-1978- Une nouvelle méthodologie de l'étude du milieu naturel - Colóquio Estudo e Cartografia de Formações Superficiais e suas Aplicações em Regiões Tropicais, São Paulo, V. 1, p. 261-278
- FAIRBRIDGE, R.-1964- African ice-age aridity. In: NAIRN, A.E. (ed): *Problems in Palaeoclimatology*, London, Interscience, chap. 8, pp. 356-360
--1976- Effects of Holocene climatic change on some tropical geomorphic processes. *Quat. Research*, 6(4):529-556
- TRICART, J.-1968- Identification des unités à cartographier. Document de travail n° 2 CNRS, RCP n° 77 - *Cartes Géomorphologiques*. Strasbourg, 29 p. mimeografado